

## **A barbárie na visão humana: as tribos pós-modernas\***

*Michel Maffesoli*

\* Tradução de Camile Maria Costa Corrêa\* e Murilo Duarte Costa Corrêa\*\*

As tribos pós-modernas formam, atualmente, parte da paisagem urbana. E depois de terem sido objeto de uma conspiração de silêncio das mais severas, quanto de tinta elas terão feito fluir! Tudo de modo a lhes relativizar, marginalizar, invalidar, e de, enfim, negar-lhes. Colocamos uma questão simples: não são, essas tribos, expressão da figura do bárbaro que, regularmente, retorna a fim de fecundar um corpo social já esgotado?

Certamente que quando uma forma de relação social se satura e uma outra (re)nasce, isso se faz, sempre, em meio à apreensão e ao tremor. Eis o que faz com que certas boas almas possam chocar-se por essa renascença, porque ela perturba algo na moral estabelecida. Do mesmo modo, algumas boas almas podem ofuscar-se, já que suas tribos não têm, em geral, que fazer da primazia do Político.

Já dissera em escritos anteriores: Política ou Jogo. E a prevalência desse último é de tal modo evidente que a política mesma se teatralizou, tornou-se objeto de escárnio, e logo se encontrava contaminada pelo lúdico.

Qualquer que seja o sentimento que tenhamos a respeito delas, essas tribos pós-modernas estão aí; e, ao invés de lhes exterminar por completo – o que arrisca ser difícil, pois ali se encontram nossos filhos –, é necessário fazer algo em conjunto: acostumar-se com seus modos de ser e de aparecer, com seus *piercings* e tatuagens diversos, com seus curiosos rituais, com suas músicas ruidosas: suma da nova cultura de que eles são os adeptos propagandistas e dinâmicos.

\* A tradução do presente texto contou com revisão de Leonardo D'Ávila de Oliveira; estimado amigo a quem endereçamos nossos sinceros agradecimentos.

• Mestranda em Neurociência e Comportamento do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (NEC/USP). Pesquisadora do Laboratório de Neurociência e Comportamento do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB/USP). Licenciada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (SCHLA/UFPR).

\*\* Advogado. Mestrando em Filosofia e Teoria do Direito no Curso de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (CPGD/UFSC). Graduado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná (FD/UFPR).

Por vezes, a (re)emergência dessas novas maneiras de ser coletivas não deixa de ser desconcertante. Ela não é nem ao menos compreensível. Com efeito, tudo, como se passa em relação ao indivíduo, traduz-se por um simples processo de compensação. Progressivamente, esquecendo-se do choque cultural que havia trazido à luz, a civilização moderna homogeneizou-se, racionalizou-se em demasia. E é sabido que “o tedioso nasce da uniformidade”. A intensidade de ser perde-se quando a domesticação é generalizada.

Então, quando um ciclo se completa: o mecanismo da compensação. Pouco a pouco, a heterogeneidade ganha terreno. Em lugar de uma razão soberana, o sentimento de pertencimento retoma direitos de cidadania. Confrontado a uma entediante securitização da existência, isso a que Durkheim chamara efervescência, como elemento estruturante de toda comunidade, renova sua força à frente da cena social. O gosto pelo risco, de um modo difuso, reafirma a sua vitalidade; o instinto domesticado tende a tornar-se selvagem: em suma, sob múltiplas formas, o bárbaro é evocado como uma boa lembrança.

Entretanto, talvez fosse necessário lembrar o lugar de onde vem esse tenaz e constante cuidado de domesticação próprio à tradição judaico-cristã, ou, a bem dizer, à ideologia semítica – simplesmente da certeza da natureza corrompida do ser humano. Ela é o que funda a moral e – o que no fundo é o mesmo – a política da modernidade.

Nesse lento processo de secularização, a Igreja, depois o Estado, cujo braço armado é a Política e a Tecno-estrutura, possuem por essencial função corrigir o Mal absoluto e originário. Trata-se de uma missão em que avistaremos ao longe a hipocrisia que, sob nomes diversos, continua a irrigar a vida pública ocidental.

Projeto prometício, se ele o é, sobre o qual jamais repetiremos o bastante que encontrava sua fonte na injunção bíblica de “dominai a natureza” (Gênesis, I, 28) em seu aspecto ambiental: fauna e flora, mas, igualmente, domínio do indivíduo e do social. É sob uma tal lógica da dominação que se vai elaborar o mito do Progresso e do igualitarismo que constitui seu corolário direto. Para dizê-lo em termos mais familiares, os três seios de um tal projeto eram o higienismo (ou o risco-zero), a moral e a sociedade “Nickel”.

É necessário acrescentar, e isso já não pode ser negligenciado, a especificidade cultural dessa tradição que fora o Universalismo. De Saint Paul, de um ponto de vista teológico, às Luzes, de uma perspectiva filosófica, este, que fora o apanágio de algumas tribos

nômades do Oriente Médio, depois o mesmo de um pequeno cantão do mundo – a Europa –, deveria servir de critério ao mundo em sua inteireza.

Notemos que há certo fanatismo em uma tal pretensão. Porém, esse mesmo fanatismo, ao fim do século XIX, permitiu que seus valores específicos se tornassem valores universais. E uma vez que o imperador Meiji abrisse seus portos aos navios europeus, ou uma vez que o Brasil inscrevera em sua bandeira a célebre fórmula de August Comte “Ordem e progresso”, podemos dizer que a homogeneização do mundo alcançara um apogeu até então jamais visto.

Porém, não podemos ignorar que existe também uma patogênese dessa pulsão dominadora. Sem falar dos etnocídios e outros genocídios culturais – e não será inútil lembrar do espaço existente entre o mito do Progresso e a filosofia das Luzes, de um lado, e os campos de concentração (em nome da pureza da raça ou da classe) e as guerras devastadoras e suicidas do século XX, de outro lado.

## 1. “A INOCÊNCIA DO DEVIR”

Enfatizando a moral, a qual lembro repousar sobre uma lógica do dever-ser, chegamos a excessos não-previstos. Isso se denomina heterotelia.<sup>1</sup> Obtemos o contrário daquilo que desejáramos. Por exemplo, a tentativa de domesticação do animal humano o conduz a tornar-se bestial. Eis o que testemunha os diversos campos e *goulag* do século passado. Efeito perverso, se o é, mas inserto na lógica da pesquisa e da perfeição. Aí ainda encontramos a sabedoria popular, seguindo Blaise Pascal, a qual pode ser de alguma utilidade, que denota que “quem quer fazer o anjo, faz a besta”.<sup>2</sup>

Indicarei aqui, apenas alusivamente, que há dois vícios na abordagem dos mantenedores do universalismo ou, o que constitui o mesmo, junto aos protagonistas da filosofia das Luzes: a hipocrisia e o auto-engano. Assim R. Koselleck (*Le Règne de la critique*, 1979) bem observou que era, sempre, em nome da moral, de uma nova moral que se gostaria de governar em lugar daqueles que governam. Assim, falar em nome da Humanidade

<sup>1</sup> [N.T.] *Heterotélico*. Diz-se do que tem finalidade ou sentido além ou fora de si. [Opõe-se a autotélico] Fonte: *Aurélio Eletrônico*.

<sup>2</sup> [N.T.] Orig.: “qui veut faire l’ange, fait la bête”.

e da Razão é particularmente pérfido, pois isso mascara (muito mal) que a motivação real de todos esses “moralistas” é, pura e simplesmente, o poder.

Poder econômico, poder político, poder simbólico, tais são o resultado normal da filosofia da história e das filosofias morais. É sempre em nome do Bem, do Ideal, do Humano, da Classe e de outras entidades abstratas que cometemos as piores torpezas. Há sempre no moralista um homem do ressentimento adormecido!

Eis de onde viemos. Aí está o que constitui o cérebro reptiliano do homem moderno, e que remanesce ao fundo do pensamento estabelecido e das instituições sociais. No entanto, essa bela construção, aparentemente indene, encontra-se rachada por todas as partes. E é justamente de tal porosidade que as tribos pós-modernas são, vez por todas, a causa e o efeito.

Que exprimem elas, senão aquilo que de uma maneira premonitória Nietzsche nomeara “a inocência do devir”. Aceitação do *amor fati*.<sup>3</sup> Consentimento a esta terra, a este mundo que aí está. Este último, ao contrário da doutrina judaico-cristã, não mais encontra sua origem em uma criação *ex nihilo*,<sup>4</sup> mas lá está ele, tal um “dado” com o qual convém, bem ou mal, acordar-se. Eis o que o bárbaro, um pouco pagão, empenha-se em lembrar-nos!

Por vezes, tudo isso não é conscientizado, nem mesmo verbalizado como tal; entretanto, largamente vivido na volta às tradições, religiosas ou espirituais, no exercício de solidariedades no cotidiano, na revivescência das forças primitivas. Isso o que conduz à (re)valorização dos instintos, das éticas, das etnias.

Isso que induz essa nova sensibilidade – pode-se dizer, esse novo paradigma –, é um potente imanentismo. Ele poderia adquirir formas mais sofisticadas ou mais triviais. O hedonismo, os prazeres do corpo, o jogo das aparências, o presenteísmo, estão lá como pontuação disso que não é um ativismo voluntarista, mas a expressão de uma real contemplação do mundo.

Ou, para dizê-lo em outros termos, a aceitação de um mundo que não mais o céu sobre a terra, que não é mais nem o inferno sobre a terra, mas a terra sobre a terra.

Com tudo o que isso comporta de trágico (“amor fati”), mas também de jubilação. Deixar fazer, deixar viver, deixar ser. Eis isso que poderiam ser as palavras-mestras dessas tribos “inocentes”, instintuais, um pouco animais e, com toda certeza, bem viventes.

<sup>3</sup> [N.T.] Lat. “amar o fado, desejar seu ocaso”.

<sup>4</sup> [N.T.] Lat. “do nada, a partir do nada”.

## 2. A EFEVERSCÊNCIA TRIBAL

A modernidade terminou, em seu sentido estrito, por “desnervar” o corpo social. O higienismo, a securitização, a racionalização da existência, as interdições de todas as ordens, tudo isso capturara, ao corpo individual ou aos corpos coletivos, a capacidade de emitir as reações necessárias à sua sobrevivência. Pareceria, para retomar uma expressão de Georg Simmel, que assistimos, com a pós-modernidade, a uma “intensificação da vida dos nervos”.

O instinto, o primitivismo, é render seu lugar aos nervos. É considerar que o próprio da natureza humana não se resume ao cognitivo, ao racional, mas presentifica uma “*complexio oppositorum*”,<sup>5</sup> que poderíamos traduzir por uma união, uma tecelagem de coisas opostas.

Isso é tudo aquilo que convém saber sobre efervescência tribal contemporânea. Algumas de suas manifestações podem, já o disse, nos afligir ou nos ofuscar. Elas não exprimem menos, a não ser de uma maneira inábil, que a afirmação que vai de encontro ao pecado original, que se opõe à corrupção estrutural, existe uma bondade intrínseca ao ser humano. E o écran sobre o qual esse último se situa, a terra, é igualmente desejável.

No entanto, tal imanentismo conduz a uma alteração da política. Ou melhor, a isso que, encontrando-se de qualquer forma transfigurado, se inverte em doméstico, torna-se ecologia. *Domus, oikos*, termos que designam a casa comum que convém proteger dos saques aos quais a modernidade nos habituara. As maquinações desse homem, “senhor e possuidor do universo” segundo a expressão de Descartes, conduziram à devastação que conhecemos. As tribos, mais prudentes, mais cuidadosas também, empenham-se menos em “maquinar” os outros e a natureza, e é isso o que perfaz sua inegável especificidade.

É igualmente essa recusa da maquinação política que é encontrada na origem da crença que inspira essa nova forma de ser-junto. Crença criadora, como é sempre o caso com essa espécie de sentimento, os exageros que podemos ler, aqui ou lá, concernentes aos múltiplos delitos cometidos pelas tribos bárbaras, em particular nas “cidades”, e em diversos subúrbios urbanos. A imprensa de toda espécie, e não apenas a sensacionalista, aproveita-se.

---

<sup>5</sup> [N.T.] Lat. “união dos opostos”.

E numerosos são os folículos que utilizam para fazer Margot chorar. No *franglais*<sup>6</sup> contemporâneo, isso se chama “a procura do scoop”.<sup>7</sup>

A expressão habitualmente utilizada para estigmatizar o fenômeno tribal é o termo “comunitarismo”. Como toda estigmatização, oriunda do medo do que é, é uma forma de fazer parecer que arriscaremos pagar caro. Tique de linguagem largamente difundido, tanto à esquerda quanto à direita; é também uma forma de disparate. Com efeito, não resolvemos isso que põe em questão suprimi-lo ou denegá-lo.

Atitude infantil, igualmente, que é a do encantamento: repetimos as palavras, em sua maioria vazia de sentido, e pensamos dessa forma regar um problema. Contudo, para além do medo, do aparente disparate e da puerilidade, que se faz?

Essa fora a especificidade da organização social da modernidade que reduzira toda coisa à unidade; esvaziar as diferenças, homogeneizar os modos de ser. A expressão de A. Comte: *reductio ad unum*, sintetiza bem um verdadeiro ideal – aquele de uma República Una e Indivisível. E não podemos mais negar que se tratara, então, de um verdadeiro ideal cujos resultados culturais, políticos, sociais, foram incontestáveis. Porém, sob longa duração, as histórias humanas nos ensinaram que nada é eterno, e esta não é a primeira vez que observamos a saturação de seu ideal unitário. Impérios romano, inca, asteca – poderíamos, ao infinito, multiplicar os exemplos de formas organizacionais centralizadas que formaram, conjuntamente, o ossuário das realidades.

Realidades que nos forcem a constatar, como alusivamente já indicara, que a heterogeneidade retornou. Isso a que Max Weber nomeara o politeísmo dos valores. Assim a reafirmação da diferença, os localismos diversos, as especificidades lingüísticas e culturais, as reivindicações étnicas, sexuais, religiosas, as múltiplas similaridades em torno de uma origem comum, real ou mitificada.

Tudo é bom para celebrar um ser-junto cujo fundamento é menos a razão universal que a emoção partilhada, o sentimento de pertencimento. É dessa forma que o corpo social se difrata em pequenos corpos tribais. Os corpos que se teatralizam, se tatutam, se deixam furar com *piercings*. As cabeleiras se eriçam ou se cobrem de véus, de *kipas*, de turbantes ou de

<sup>6</sup> [N.T.]: “franglais” = “français” + “anglaise”. Inclusive, derivação de um “dialeto” muito conhecido nos Estados Unidos, que tem a ver com a influência hispânica, principalmente mexicana, no país, que dá nome ao chamado “spanglish” (spanish + english).

<sup>7</sup> [N.T.]: “faire la recherche du scoop”; significa procurar um “furo” de reportagem.

outro acessórios, tal como o quadrado Hermes. Logo, na grisalha cotidiana, a existência se enrubesce de novas cores traduzindo, assim, a fecunda multiplicidade das crianças dos deuses; porque sabemos que há muitas casas na residência do Pai!

Eis o que caracteriza o tempo das tribos. Que elas sejam sexuais, musicais, religiosas, esportivas, culturais, e até mesmo políticas, elas ocupam o espaço público. Uma constatação que é pueril e irresponsável negar. E é malsão as estigmatizar.

Seremos melhor inspirados, fiéis nisso a uma imemorial sabedoria popular, se acompanhamos tal mutação. E isso, para evitar que ela se torne perversa, pois totalmente inassenhorável. Depois de tudo, por que não se pode pretender que a *res publica*, a coisa pública, organiza-se a partir do ajustamento, *a posteriori*, dessas tribos eletivas? Por que não se admite que o consenso social, mais perto de uma etimologia (*cum sensualis*) possa repousar sobre a partilha de sentimentos diversos?

Por que elas lá estão, por que não aceitar as diferenças comunitárias, auxiliar com sua junção e aprender a compor com elas? O jogo da diferença. Longe de empobrecer, enriquece. Depois de toda uma tal composição, poder participar de uma melodia social, no ritmo, pode ser um pouco mais colisivo, mas não menos dinâmico. O ajustamento dos *samples* da música *techno* traduz, também, uma forma de cultura.

Em suma, é perigoso, sob o nome de uma concepção um tanto envelhecida da unidade nacional, deixar de reconhecer a força do pluralismo. O centro da união pode ser vivido na conjunção, *a posteriori*, de valores opostos. À harmonia abstrata de um unanimismo de fachada, está por ocorrer, através de múltiplos ensaios e erros, um equilíbrio conflitual – causa e efeito da vitalidade das tribos.

### **3. INTERNET: A INICIAÇÃO A UMA NOVA ORDEM COMUNICATIVA**

Não há mais o lugar de ser dos velhos praguejadores, obnubilados pelos “bons velhos tempos” de uma Unidade fechada sobre si mesma. Isso a que os filósofos da Idade Média nomearam unicidade, exprimindo uma coerência aberta, poderia ser uma boa maneira de compreender um vínculo, uma lugar social fundado sobre a disparidade, o policulturalismo, a

polissemia. Eis o que, certamente, convoca a uma audácia intelectual; a de saber pensar a veridicidade de um ideal comunitário em gestação.

Sim, é um daqueles momentos em que é importante pôr a caminho um pensamento altaneiro que consista em apreender as novas configurações sociais. E por isso não mais podemos nos contentar com tais conceitos, autistas, fechados sobre si mesmos, isso que em italiano nomeamos, enfaticamente, *conceiti*, visões do espírito. Em resumo, não podemos mais, isso que é o pecado mais tenro do intelectual, crer o mundo à imagem disso que gostaríamos que ele fosse.

Audácia, portanto, permissiva de entender que à oposição da solidariedade puramente mecânica, que fora a marca da modernidade, o ideal comunitário das tribos pós-modernas repousa sobre o retorno de uma sólida e rizomática solidariedade orgânica.

Então, paradoxo que não é dos menores, essa velha coisa que é a tribo, e suas antigas formas de solidariedade que são aquelas vividas no cotidiano, exercidas ao mais próximo, nascem, exprimem-se, confortam-se graças às diversas redes eletrônicas. Daí a definição que podemos dar de pós-modernidade: sinergia do arcaico e do desenvolvimento tecnológico.

Recordando-se, certamente, de que o arcaico, em seu sentido etimológico, o que é o primeiro, fundamental, visto demultiplicar seus efeitos pelo novos meios de comunicação interativos. A exemplo daquilo que foi a circunavegação na aurora dos tempos modernos, navegação sendo a causa e o efeito de uma nova ordem de mundo (essa que Carl Schmitt nomeou o “Nomos da terra”), certos sociólogos bem demonstram em que a “circunavegação” própria à Internet está a caminho de criar novas maneiras de ser, de mudar, de aprofundar, a estrutura do lugar social ([www.ceaq-sorbonne.org](http://www.ceaq-sorbonne.org), Gretech, grupo de pesquisa sobre a tecnologia, sob a direção de Stéphane Hugon).

Não é necessário estar encantado por essas novas tecnologias interativas para compreender a importância desses que se convencionou chamar por *sites* comunitários. *Myspace*, *FaceBook*, permitem aos internautas tecer lugares, trocar idéias e sentimentos, paixões, emoções e fantasmas. Bem assim, *You Tube* favorece a circulação do vídeo, da música e de outras criações artísticas. E, finalmente, *Lively* tenta “federar a vida em linha” de seus utilizadores.

A expressão mestra, se enunciando quase mais suave, é aquela da vida comunitária. E é aquela em que vemos que a paúra do comunitarismo é por certo o fantasma de uma outra



era, e é totalmente defasada em relação ao mundo real disso que foi a sociedade, desde hoje e, certamente, de amanhã.

Graças à Internet, com efeito, uma nova ordem comunicativa dá-se à cena. Quem favorece os encontros, o fenômeno dos *flashmob* os testemunha; em que ao se tratar de coisas fúteis, sérias ou políticas, as mobilizações se fazem e se desfazem no espaço urbano e virtual. Eis o mesmo que ocorreu aos *streetbooming* ao permitir que nas grandes megalópoles contemporâneas, nas selvas de pedras favorecendo o isolamento, ao conectar-se à Internet, as pessoas encontram-se, falam-se, conhecem-se, criando assim uma nova maneira de estar-junto, fundada sobre a partilha da criatividade.

De tais redes sociais em linha, tal como os fenômenos de encontros que ela induz, devemos permanecer atentos a uma socialidade específica em que o prazer lúdico conforta a mera funcionalidade. Então, é interessante notar que utilizamos, de mais a mais, o termo de iniciados para caracterizar os protagonistas desses *sites* de encontro.

Iniciação a novas formas de generosidade, de solidariedades em minúscula que nada mais tem a ver com o Estado providência e sua visão sobre-obturante. Se, como indica Hélène Strohl, uma boa conhecedora desse problema, “O Estado social não funciona mais” (Albin Michel, 2008), está bem porque está na base, no quadro comunitário, e graças às técnicas interativas que difunde a mútua ajuda sob todas as suas formas. Curioso retorno a uma ordem simbólica que acreditávamos ter ultrapassado.

Contudo, para bem compreender uma tal ordem, importa por em obra não mais um pensamento simplesmente crítico, isto é, judicativo, mais um questionamento bem mais radical, constituindo o mesmo que apreender os arcanos da socialidade. Há, com efeito, no próprio coração do desenvolvimento histórico, como no âmbito da ação política, um princípio secreto que é preciso saber descobrir.

Não é certo o que nos diz a verdade, em sua origem grega: *aletheia*, esta que desvela o escondido? Ainda é preciso que saibamos respeitar esse encobrimento! Estranho paradoxo do pensamento radical: saber dizer claramente o que é complicado, de forma a aceitar reconhecer que as “dobras” do ser individual ou coletivo fazem restar uma realidade inultrapassável. Eis a lição de coisas que, continuamente, dá-nos existência. Isso é o que constitui o mistério da vida.

#### 4. PROCURAR O ESSENCIAL NO INAPARENTE DAS APARÊNCIAS

Na loucura do romantismo, depois do surrealismo, os situacionistas, nos anos sessenta do último século, saíram à procura daquela mítica passagem do noroeste inaugurando horizontes infinitos. E para fazê-lo, colocaram em obra uma psico-geografia, ou deriva, que lhes permitia descobrir que para além da simples funcionalidade da cidade, existe um labirinto do vivido, diversamente mais profundo e assegurando, invisivelmente, os fundamentos reais de toda existência social.

Podemos extrapolar tal questionamento poético-existencial e os arcanos da cidade podem ser úteis para compreender uma estrutura tácita que, em certos momentos, garante a continuidade da vida em sociedade. Tácito: que não se exprime verbalmente, que é todo subentendido. Implícito: que vai se aninhar nas dobras do mistério e do inconsciente coletivo.

Jean Baudrillard, a seu tempo, atentou a essa “sombra das maiorias silenciosas”, a esse “ventre frouxo” do social. De minha parte, de diversas maneiras, analisei a centralidade subterrânea, a socialidade obscura e outras metáforas apontando o retrato do povo sobre seu Aventin. Orfandade da tradição mística que retornava, subrepticamente, ao gosto do dia!

Um tal redobramento é freqüente nas histórias humanas. E ele é sempre o indício de uma demanda por reconhecimento. Contra o patriciado romano, o povo evocando seus direitos. Ocorre o mesmo em nossos dias. E a demanda implícita, silenciosa, que mal se formula, necessita que se saiba fazer uma espécie de geologia da vida social. Estar à procura das estruturas heterogêneas que constituem a matéria.

Porém, permaneçamos sobre essa ambivalência, essa bipolaridade entre isso que está recolhido e isso que se mostra. Da mesma forma, mais redobrado do que é em evidência. Lembremo-nos aqui do comentário que fizera Lacan sobre o conto de Edgar Allan Poe, “A carta roubada”. É porque ela está lá, sobre a barra da lareira, que o comissário que está à sua procura não a vê. E como um eco, escutemos o conselho de Gaston Bachelard: “não há ciência, senão do escondido”.

Precisemos que esse escondido nos criva os olhos. E, por menos que tomemos a sério a teatralidade dos fenômenos, esse *theatrum mundi* de memória antiga, lá saberemos ver os novos modos de vida em gestação. Para além de nossas certezas e convicções: políticas, filosóficas, religiosas, científicas, convém acordar-se, simplesmente, humanamente, com isso

que se dá a ver. Procurar o essencial no inaparente das aparências; essas da vida cotidiana. Essas desses prazeres menores e de pouca importância, constituem o terreno onde cresce o estar-junto. Não é isto a cultura? “Os aspectos os mais importantes para nós estão escondidos por causa de sua banalidade e simplicidade” (Wittgenstein).

Pode ser que seja a partir de um tal princípio de incerteza que nós seremos capazes de fazer um bom prognóstico. Isto é, ter a intuição dos fenômenos, esta visão do interior que tanta falta faz à paranóia tão freqüente nas elites. Desde então, o olhar penetrante nos permitirá ver o núcleo fatídico das coisas.

Fatídico, posto que não somos mais senhores. Ele vem de bastante longe, e não se deixa dominar pela pequena razão instrumental própria à modernidade. Núcleo arquetípico, no qual é importante demarcar a fecundidade.